

## **Mediatização e desenvolvimento local: análise dos usos e apropriações de dispositivos midiáticos na comunicação de extrativistas no Acre<sup>1</sup>**

Diva da Conceição GONÇALVES<sup>2</sup>  
Embrapa Acre, Rio Branco, AC

### **Resumo**

Este artigo analisa os usos e apropriações dos meios de comunicação por moradores de três comunidades da Reserva Extrativista Chico Mendes, no Acre, na perspectiva da mediatização, e como a interação com dispositivos midiáticos contribui para o desenvolvimento dessas localidades. Busca-se compreender a comunicação como articuladora desse processo, considerando-se interações mediatizadas individuais e coletivas com o rádio, a televisão e o telefone celular. Como resultado evidenciam-se processos midiático-comunicacionais profundamente marcados por aspectos contextuais, atravessados por referências interacionais construídas cotidianamente na circulação midiática. Tais processos organizam a vida social e fortalecem as relações comerciais dos extrativistas, refletindo positivamente na organização social e no desenvolvimento das comunidades.

### **Palavras-chave:**

Comunicação; dispositivos midiáticos; interação; meio rural; desenvolvimento local.

### **Introdução**

Os meios de comunicação ou dispositivos midiáticos, como também são chamados nomeados em estudos sobre mídia e sociedade, participam do cotidiano social de diferentes maneiras, configurando, em cada contexto, uma realidade comunicacional específica, de acordo com a oferta midiática, com as condições contextuais de acesso aos meios de informação e comunicação e, sobretudo, a partir dos usos e apropriações (PROULX, 2013) desenvolvidos pelos indivíduos na relação com essas tecnologias. Símbolos da modernidade, as tecnologias da comunicação contribuíram para o desenvolvimento de um novo paradigma comunicacional, que o campo acadêmico da comunicação vem denominando de mediatização e que envolve modos distintos como a sociedade se relaciona com estas tecnologias e interage a partir da apropriação de conteúdos midiáticos.

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa de mestrado<sup>3</sup> que investigou os usos e apropriações de dispositivos midiáticos desenvolvidos por moradores de três comunidades

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista da Embrapa Acre, Mestre em Ciências da Comunicação. diva.goncalves@embrapa.br

rurais da Reserva Extrativista Chico Mendes, no Acre. Busca-se compreender como os extrativistas se relacionam com os meios de comunicação, considerando experiências individuais e coletivas de usos e apropriações com o rádio, a televisão e o telefone celular, na perspectiva da midiaticização social e do desenvolvimento local. Tais processos estão articulados, na medida em que o primeiro se caracteriza pela participação cada vez mais crescente dos meios de comunicação na vida social, e o segundo, tem entre seus fatores mobilizadores o acesso e apropriação de bens primários como as tecnologias da comunicação e informação. Sendo assim, a abordagem apresentada alinha-se às discussões contemporâneas sobre comunicação e desenvolvimento local e, especificamente, sobre como as estratégias comunicacionais, a partir da interação com as mídias, podem contribuir para a organização social e para o fortalecimento das relações comerciais dos extrativistas.

O recorte espacial utilizado na pesquisa foram os seringais Floresta, no município de Xapuri, e Porvir e Filipinas, localizados em Brasília, estado do Acre, comunidades extrativistas que têm como principal atividade econômica a coleta de castanha do Brasil, produto com grande demanda nos mercados nacionais e de outros países, e o látex de seringueira, vendido exclusivamente para uma indústria local.

A constatação da presença exclusiva de meios tradicionais de comunicação nas comunidades e os modos particulares como os extrativistas se relacionam com estas tecnologias evidenciaram o processo de midiaticização baseado em práticas locais, porém, articuladas a modos globais de funcionamento do contexto extrativistas, especialmente no que diz respeito às relações comerciais e familiares. A constituição desse processo envolve elementos que operam inter-relacionados às práticas de uso de dispositivos midiáticos e a táticas de apropriação de informações, que circulam por modos particulares e articulam interações sociais dentro e fora das comunidades.

Embora não seja objetivo deste artigo analisar os discursos produzidos na relação com os meios, e sim proceder à análise dos usos e apropriações que indivíduos extrativistas desenvolvem na relação com dispositivos midiáticos, não se desconsidera a existência de uma produção discursiva nas experiências dos extrativistas com as mídias. Isto porque a dimensão sêmio-discursiva, efetivada nas narrativas – sejam elas orais ou escritas – que possibilitam atribuir novos sentidos às mensagens midiáticas, é inerente a processos midiaticizados, independente dos modos como os discursos se desenvolvem. No caso das comunidades

---

<sup>3</sup>Dissertação “MIDIATIZAÇÃO E CONTEXTO RURAL: análise dos usos e apropriações de dispositivos midiáticos em comunidades da Reserva Extrativista Chico Mendes, Acre”, defendida em 4 de junho de 2014, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). São Leopoldo – RS.

extrativistas, embora essa produção em torno do midiático ocorra em condições muito específicas ao meio rural e às dinâmicas comunicacionais nas comunidades extrativistas, engendra mobilizações e acaba por influenciar processos de desenvolvimento.

## **Metodologia**

A pesquisa, realizada entre maio e janeiro de 2013 e junho de 2014, teve a participação de 35 extrativistas, moradores de três seringais (Floresta, Porvir e Filipinas) da Reserva Extrativista Chico Mendes, municípios de Xapuri e Brasileia (AC). Essas comunidades se caracterizam pela produção extrativista e embora a principal fonte de renda seja a coleta de produtos de látex e castanha-do-brasil, as famílias também praticam atividades agrícolas tanto para consumo próprio como para venda da produção, utilizando exclusivamente a mão-de-obra familiar.

Para uma maior diversidade do corpus da pesquisa entrevistamos homens e mulheres que atuam como extrativistas e lideranças comunitárias e donas de casa. Participaram da pesquisa 21 homens e 14 mulheres, com faixa etária entre 30 e 65 anos. Essa variação de perfis dos agricultores possibilitou melhores condições para observar as experiências midiáticas e as práticas interacionais nas comunidades.

A opção por uma abordagem de natureza qualitativa possibilitou riqueza interpretativa do contexto da pesquisa e das experiências midiáticas dos extrativistas. Na análise dos dados consideramos as práticas de usos e os modos de apropriação de dispositivos midiáticos presentes entre os extrativistas e as mediações incidentes na relação com as diferentes mídias, além dos processos comunicacionais e interacionais que se desenvolvem a partir dessa relação, entendendo o consumo midiático como processo ativo. Considerando que esta pesquisa não tem caráter comparativo, os dados foram analisados em seu conjunto, de forma a refletir a relação dos extrativistas com as mídias e a influência da ação com dos dispositivos midiáticos na comunicação e no processo de desenvolvimento das comunidades.

Para chegar ao seringal Floresta (Xapuri) é preciso cruzar o rio Acre, em uma balsa de ferro, serviço subsidiado pela prefeitura do município. Do outro lado do rio fica a pequena vila Sibéria e, deste ponto em diante são 30 (trinta) quilômetros de estrada de chão até chegar à primeira das 44 colocações (lotes) que formam o seringal Floresta e são ocupadas por 42 famílias. O seringal Porvir (Brasileia) é formado por 22 colocações, onde vivem 25 famílias. Do centro da cidade até o início desse seringal a distância a ser percorrida também

é de 30 quilômetros. O terceiro seringal, Filipinas, é uma das comunidades mais populosas da Resex, com 42 famílias, e também fica a 30 quilômetros de Brasileira.

No processo de coleta de dados utilizamos entrevistas semiestruturadas, gravadas e registros fotográficos, além de aparelho GPS para mapear as *colocações* visitadas.

Nos três seringais a distribuição espacial das colocações segue o mesmo padrão, ou seja, um ramal principal que dá origem a vários outros ramais, posicionados às margens direita e esquerda e estes originam uma infinidade de outros ramais que, por sua vez, geram varadouros e trilhas que ligam as colocações entre si. Apesar das distâncias, observou-se que o senso de coletividade favorece o compartilhamento de informações. É comum um morador receber uma notícia pelo rádio ou por outro meio de comunicação e dirigir-se até a casa do vizinho para repassar a informação. Essa prática revela as redes cotidianas de comunicação que se formam nas comunidades, por onde circulam as notícias midiáticas e não também não midiáticas, mostrando que a informação chega mesmo para quem não está em contato direto com os dispositivos de mídia. Essa prática influencia as interações sociais e possibilita a inserção dos extrativistas em processos mais globais.

### **Perfil comunicacional e socioeconômico dos extrativistas**

Todos os entrevistados estão organizados em associações concessionárias representativas – que atuam na organização social, por meio de núcleos de base constituídos nas diversas comunidades (seringais) e de suas sedes no município de jurisdição – e vinculados ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais, sediado em Xapuri. Entretanto, com base nos relatos dos extrativistas, observa-se um enfraquecimento da imagem e da atuação dessas instituições nas comunidades, fator que demonstra a existência de grandes dificuldades na gestão organizacional e revela a necessidade de melhorias no processo de organização comunitária.

A renda média mensal familiar declarada pelos entrevistados varia de trezentos reais a dois e meio salários mínimos. Esse valor refere-se à renda anual da produção extrativista, dividida por doze meses. Entretanto, também se observou uma forte presença de programas sociais nas comunidades (Bolsa Família, Bolsa escola, Bolsa Verde), onde todos os entrevistados são beneficiários de, pelo menos, uma dessas iniciativas. Vale mencionar que estes programas, entendidos pelos extrativistas como benefícios – institucionalizados como parte da atual política compensatória do Governo Federal – junto com as aposentadorias,

ajudam na composição da renda familiar e, guardadas as devidas proporções, contribuem para a melhoria da qualidade de vida das famílias.

Na era da informação, a sociedade se organiza para o consumo de bens globais. Nas comunidades rurais não é diferente e mesmo as famílias que vivem em áreas mais afastadas conseguem inserir-se no mercado de consumo globalizado, trazendo para o interior de suas casas aparelhos e eletrodomésticos que há pouco tempo só eram usados na cidade. Nas comunidades extrativistas a relação com as mídias se expressa na escuta radiofônica, na audiência televisiva e no uso do telefone celular. Estes dispositivos midiáticos aparecem como elementos propiciadores de interação social, mas também como indicadores de profundas mudanças no contexto comunicacional e perfil econômico das comunidades.

Percebe-se uma forte presença do rádio e da televisão nas comunidades extrativistas pesquisadas, com forte inserção dos extrativistas ao contexto informacional midiático. Apesar das restrições tecnológicas, que se caracterizam principalmente pela deficiência e pouco alcance da rede convencional de energia elétrica, os extrativistas desenvolvem estratégias próprias de acesso e usos com a televisão e com o telefone celular. Os distintos quadros situacionais observados na relação dos extrativistas com os dispositivos midiáticos revelam que as invenções cotidianas (CERTEAU, 2012).

O consumo destas tecnologias refletiu nas práticas cotidianas dos extrativistas, sobretudo nas relações sociais e comerciais, tendo como foco o comércio da castanha, seja por permitir sanar demandas cotidianas sem sair de casa, pelo o uso do telefone, seja por permitir acompanhar as tendências do mercado da castanha e, assim, obter melhores preços, e ainda por aumentar o fluxo entre as comunidades e o contexto urbano.

Todos os entrevistados moram em casas de madeira, cobertas com telhas, construídas com recursos do Programa Nacional de Habitação Rural (Crédito Habitação), a partir de 1990, e quase metade deles possui transporte próprio (motocicleta), veículo bastante comum em localidades amazônicas onde o acesso ainda se dá por estradas de barro.

As famílias dos entrevistados são compostas, em média, por cinco pessoas e, na quase totalidade, os filhos mais velhos estudam ou moram na cidade, resultando uma população predominante de pessoas com idade acima de 40 anos. Os extrativistas são, em maioria, descendentes de nordestinos que migraram para a Amazônia durante o *Segundo Ciclo da Borracha*, nas primeiras décadas do século passado. Essas pessoas sempre mantiveram uma intensa relação com a floresta e se constituem como protagonistas da história destes territórios, portanto, são profundos conhecedores de uma época em que não existia nenhum

tipo de estrada e de energia elétrica, nem meios de comunicação nestas localidades. O acesso às tecnologias da comunicação e informação, possibilitou mudanças nesse contexto, permitindo maior inserção dos extrativistas nos processos políticos e econômicos, com reflexos no desenvolvimento das comunidades.

### **Entendendo o processo de midiaticização**

A midiaticização é um processo histórico, lento e gradual, vinculado à emergência da escrita, da imprensa e ao desenvolvimento científico tecnológico, sempre considerando o contexto cultural. Para entender a trajetória da sociedade rumo à midiaticização é preciso considerar dois eixos interligados: de um lado o tempo que nos insere numa perspectiva de contínua evolução tecnológica; de outro, a dimensão qualitativa dessa evolução, que traz consigo uma complexidade cada vez mais crescente nas relações, interrelações e interconexões humanas (GOMES, 2010, p. 1). É nesse duplo processo que se inscreve a midiaticização como parte integrante do desenvolvimento da sociedade moderna.

A invenção da imprensa em meados do século XV tornou possível a circulação de informações na sociedade, com a institucionalização dos meios de comunicação de massa (livros, jornais, revistas etc) como força significativa e possibilitou armazenar e acumular informações, rompendo o paradigma da oralidade e promovendo mudanças nas relações sociais. Se antes, as sociedades se organizam em torno de “tribos”, com a invenção do alfabeto, estas se tornam autônomas, se “destribalizam” (GOMES, 2010, p. 2).

Em outro estágio evolutivo a eletricidade proporcionou o desenvolvimento dos meios de comunicação eletrônicos (telégrafo, cinema, rádio e televisão). O surgimento destas tecnologias levou a sociedade de volta à “tribo”, conforme sinaliza Gomes (2010) e configurou o que se pode chamar de *sociedade dos meios*. O que se depreende nesse movimento é que o desenvolvimento da técnica possibilitou o aperfeiçoamento contínuo dos meios de comunicação em escala crescente de sofisticação e complexidade.

Neste contexto de mudanças, o avanço progressivo do saber científico, aliado à fundamentação racional da experiência moderna, proporcionou autonomia aos diferentes campos sociais que se organizaram em torno de um domínio autônomo do saber, específico a cada um (Rodrigues, 2000, p. 189). A visão analítica do autor também destaca o caráter essencialmente mediador exercido pelos meios de comunicação: “O papel mais importante do campo dos mídias será provavelmente a sua capacidade de tematização pública e de

publicização do confronto entre os discursos especializados em torno de questões suscitadas pelos diversos domínios” (RODRIGUES, 2000, p. 210).

Até aqui temos a configuração de uma *sociedade dos meios*, mobilizada a partir da intensa atividade midiática, onde os mídias funcionam como mediadores das relações sociais em articulação com os diversos campos. Assim, utilizando-se de estratégias discursivas embasadas em mecanismos retóricos de linguagem, as mídias atuam como intermediadores de diálogos, veiculadores de operações de sentidos e construtores de realidades. Segundo Baudrillard (1994), os meios de comunicação são guiados por uma espécie de lógica semiótica e sua função central consiste em submeter toda comunicação e todo discurso a um único código dominante: “O que é midiaticizado não é o que sai na imprensa diária, na televisão ou no rádio: é o que é reinterpretado pela forma do signo, articulado em modelos e administrado pelo código” (BAUDRILLARD, 1994, 175).

Na sociedade dos meios, privilegiou-se a preocupação com o papel central dos meios de comunicação como suporte da ação social, especialmente com a sua capacidade de interposição do contato. Entretanto, nos anos 70, Martin-Barbero (1997) propõe um deslocamento da ênfase na centralidade dos meios para as mediações. Considerando a perspectiva comunicacional da América Latina, o autor situa a problemática da comunicação numa esfera mais complexa caracterizada pelas interações entre os meios e outras formas de comunicação e de produção de sentidos por outros campos e atores sociais. Esse novo olhar sobre os meios representou uma mudança teórico-metodológica nos estudos em comunicação, na medida em que passou a considerar a questão cultural como eixo das relações sociais e das interações comunicacionais.

De acordo com Fausto Neto (2006), a partir desta mudança de escala os meios se desvinculam de outras práticas, enquanto mediadores, e vão assumindo uma posição de centralidade na dinâmica social, ou seja, seus papéis são transformados, uma vez que, da condição de suportes passam a “uma centralidade na vida cotidiana, como fonte de informação e de entretenimento, de construções de imaginários”<sup>4</sup>.

No compasso das transformações comunicacionais, também é nesse deslocamento que uma nova realidade comunicacional se anuncia: Segundo Fausto Neto (2006), temos aí a passagem da sociedade midiática *ou dos meios* (grifo nosso) para a da *mediaticização*, uma vez que é graças à crescente complexidade da cultura dos meios de comunicação.

---

<sup>4</sup> FAUSTO NETO (2006, p. 9) Apud MATA, Maria Cristina. De la cultura massiva a la cultura mediática. In: Revista Diálogos. Lima: Felafacs, 1999.

Na sociedade moderna, as tecnologias da comunicação possibilitaram a ampliação da atividade midiática, criando uma nova realidade comunicacional e possibilitando dinâmicas diferenciadas nas relações sociais, tendo o aparato tecnológico como fator preponderante. Sem dúvida, a evolução tecnológica representa o fio condutor na passagem da *sociedade dos meios* para uma *sociedade em midiatização*.

No contexto das novas tecnologias da informação a internet tem sido considerada o vetor principal das transformações comunicacionais, pois, de forma simultânea, instantânea e global, traz a possibilidade de interação em tempo real através dos suportes tecnológicos (computador, telefone, televisão) e, dessa forma, modifica a questão espaço-tempo, alterando, sobretudo, os modos de sociabilidade. Verón (1987) analisa a comunicação midiática como uma configuração de meios resultante da articulação entre dispositivos tecnológicos e condições específicas de produção e de recepção, que estrutura o mercado discursivo das sociedades industriais (VERÓN, 1987, p. 14).

Nesta linha de raciocínio, Fausto Neto (2006) destaca que a midiatização da sociedade seria uma combinatória de conhecimentos, de tecnologias e de linguagens através das quais se produzem novas formas de interação, mas adverte que o processo transcende o aparato tecnológico, configurando-se pelas formas diversas com que os indivíduos interagem com e nas mídias, produzindo sentidos a partir dos conteúdos que nela circulam.

Sobre este aspecto, Braga (2006) considera que há uma aceleração e diversificação dos modos pelos quais a sociedade interage com a sociedade. O autor postula que ainda que os processos interacionais mais longamente estabelecidos (da ordem da oralidade presencial e da escrita) continuem a definir padrões de comunicação (e lógicas inferenciais) que organizam a sociedade e suas tentativas, tais processos, em sua generalidade, se deslocam para modos mais complexos, envolvendo a diversidade crescente da midiatização e as inúmeras possibilidades que vão se desenvolvendo para criticar e apreender reflexivamente os produtos e processos da indústria cultural e para setores da sociedade agirem nas mídias e pelas mídias (BRAGA, 2006, pp. 4-5).

O que se apreende até aqui é que essa nova forma de viver na sociedade em midiatização está relacionada não só com a técnica, mas com os modos como os indivíduos interagem com as tecnologias de comunicação, práticas que também estão relacionadas com as formas de desenvolvimento das sociedades. Desta forma, interessa-nos pensar os processos comunicacionais e de desenvolvimentos das comunidades extrativistas a partir da relação de seus moradores com os meios de comunicação.



## **Redes cotidianas de comunicação e desenvolvimento rural**

O desenvolvimento rural também está relacionado com a reconfiguração dos processos comunicacionais possibilitados pela presença e uso cada vez mais prevalente das tecnologias da comunicação. O novo paradigma de desenvolvimento rural deve ajudar a clarear como novos recursos são criados, como os irrelevantes tornam-se valorizados e como combiná-los com outros recursos. O desenvolvimento rural deve reconsiderar as múltiplas e heterogêneas realidades. Esse processo não é apenas sobre coisas novas, sendo um elemento decisivo e particular à combinação do velho com o novo, envolvendo inclusive a questão comunicacional e a relação da sociedade com novas e antigas mídias.

A expansão destas tecnologias criou formas diversas de comunicar e interagir, influenciando as relações sociais. Portanto, não se pode negar que o acesso à informação e o desenvolvimento de determinados contextos – entre eles o meio rural - está cada vez mais vinculado à presença de distintas tecnologias e aos usos e apropriações desenvolvidos com os diferentes dispositivos tecnológicos.

As tecnologias da informação e comunicação, incluindo-se as diversas mídias, podem reforçar o desenvolvimento rural e colaborar para a diversificação de atividades econômicas, assim como para a organização social e política das comunidades, possibilitando a melhoria da atuação nos mercados, inserção em novos nichos comerciais.

Contribuindo com informações meteorológicas, dados econômicos, preços de mercado e informações sobre a concorrência.

Embora a mídia constitua referência para os processos sociais (BRAGA, 2007), favorecendo a construção de redes comunicacionais, o acesso a estas tecnologias ainda se dá de modo muito desigual em algumas localidades, especialmente em localidades rurais distantes. Entretanto, essas diferenças de contextos levam a formação de modos distintos de mediação, revelando a heterogeneidade do processo. Em ambientes onde predomina o uso de mídias tradicionais, como as comunidades extrativistas estudadas, a exclusão digital leva à formação de outros tipos de redes, conformadas a relações presenciais, baseadas em laços de afetividade e vínculos de parentescos.

Em distintas escalas e intensidades, as redes podem ativar conexões, simbólicas e solidárias, de sujeitos e atores coletivos, "cujas identidades vão se construindo num processo dialógico de identificações éticas e culturais, intercâmbios, negociações, resoluções de conflitos e de resistência aos mecanismos de exclusão sistêmica na globalização" (SCHERER-WARREN,

2000, p. 16). Neste sentido, ambientes compartilhados favorecem convívios participativos e reciprocidades. As aproximações por afinidades eletivas instauram-se, restauram-se e reproduzem-se em comunidades com vínculos duradouros ou circunstanciais, agregando interações e fortalecendo laços de convívio e a busca pelo atendimento de demandas locais. Essas redes sociais obedecem a uma ordem física e se constituem nas interações presenciais diárias, baseadas em demandas concretas, mas também em afetividades.

Assim, compreendemos que as redes cotidianas de comunicação se recompõem em instâncias primárias das relações sociais e comunicacionais, de acordo com a atuação dos seus participantes, estabelecidas em contratos tácitos formulados nas relações sociais empreendidas nos diferentes grupos de pertencimento dos extrativistas.

As redes sociais primárias, interindividuais ou coletivas, caracterizam-se por serem presenciais, em espaços contíguos, criando territórios no sentido tradicional do termo, isto é, geograficamente delimitados; enquanto isso, as redes virtuais, resultantes do ciberativismo, são intencionais, transcendem as fronteiras espaciais das redes presenciais, criando, portanto, territórios virtuais cujas configurações se definem pelas adesões por uma causa ou por afinidades políticas, culturais e ideológicas. Todavia, elas poderão vir a ter impacto sobre as redes presenciais e vice-versa, numa constante dialética entre o local e o mais global, entre o presencial e o virtual, entre o ativismo do cotidiano e o ciberativismo, podendo vir a auxiliar na formação de movimentos cidadãos planetarizados (SCHERER-WARREN, 2007, p. 39). É nesta perspectiva interacional, marcada pelo compartilhamento de informações em modos presenciais que se desenvolvem os usos e apropriações de dispositivos midiáticos entre os extrativistas.

### **Usos e apropriações de dispositivos midiáticos**

O rádio é utilizado por todos os extrativistas e a televisão, com uma inserção menor, está entre 21 dos 35 entrevistados. As emissoras mais ouvidas na escuta radiofônica são a Difusora Acriana, Rádio Nacional, Eco Acre e Educadora Seis de Agosto, mas, observa-se uma preferência para as duas primeiras. Na audiência televisiva a emissora mais assistida é a Rede Globo, citada por todos os entrevistados.

Na escuta radiofônica, a preferência dos extrativistas é por conteúdos noticiosos, programas religiosos e musicais. Na audiência da televisão predomina a busca por noticiários e programas de entretenimento, principalmente as telenovelas. Assim, na programação radiofônica se informam sobre acontecimentos locais, enquanto na televisiva acessam notícias e culturas mais

globais, todavia, a relação com estes dispositivos converge sempre para a busca de informação e entretenimento.

A relação dos extrativistas com os meios de comunicação mostrou-se bastante diversa devido a distintos fatores, mas principalmente pelas dificuldades no acesso ao sistema de energia elétrica nas *colocações* e devido a particularidades do contexto geográfico. As comunidades estudadas estão separadas por grandes distâncias do centro urbano e algumas *colocações* distam mais de 100 quilômetros. Limitada a 30 quilômetros de extensão, pela estrada principal que dá acesso a estes locais, a rede de eletrificação rural do programa Luz Para Todos beneficia apenas as colocações circunscritas a esta faixa, excluindo um grande número de famílias extrativistas que moram em áreas mais afastadas.

O meio encontrado por essas pessoas para lidar com a carência do sistema convencional é o uso de placa solar ou motor gerador movido a diesel. Além das restrições do sistema de energia elétrica, que dificultam o acesso à televisão e condicionam a interação com esse dispositivo, os extrativistas também convivem com uma oferta televisiva limitada. As distâncias e a densidade florestal nestas localidades dificultam a captação do sinal de satélite responsável pela transmissão de imagens e, nestas condições, assistir à televisão só é possível por meio de antena parabólica. Esses fatores restringem o acesso a esse dispositivo midiático e fazem do rádio o principal meio de informação nas comunidades extrativistas.

Na relação com o rádio o midiático está presente na informação que chega e circula no contexto familiar e comunitário; na manutenção dos vínculos familiares na relação campo/cidade, por meio das mensagens e avisos enviados pelo programa “Correspondente Difusora”; no credo religioso, possibilitando ao fiel que acompanhe de casa a programação religiosa e o desenvolva o sentimento de pertencimento a determinado templo; e no entretenimento, por meio da programação musical que distrai e integra ao mesmo tempo.

Como dispositivo midiático mais presente no cotidiano dos extrativistas, o rádio funciona como instrumento de ordenamento dos processos comunicacionais e de interações sociais nas comunidades. É pelo uso dessa mídia que essas pessoas sabem sobre notícias de interesse público, como, por exemplo, os ordenamentos do mercado da castanha, fator que movimenta fortemente as comunidades pesquisadas e possibilita a comercialização do produto e a geração de renda para as famílias.

Exemplo típico dessa influência desse dispositivo midiático na vida sociopolítica e econômica foi a mobilização das comunidades extrativistas em torno do mercado da castanha – observada durante um dos movimentos exploratórios da pesquisa – que se desenvolvia em relação com o midiático. Todos os extrativistas se mantinham ligados na programação radiofônica porque

aguardavam ansiosamente pela definição do preço deste produto, para comercializar a safra que haviam acabado de coletar.

Esse comportamento vigilante com o rádio também é observado em situações de caráter mais privado da vida dos extrativistas como a espera de um aviso sobre agendamento de consultas médicas ou de uma mensagem de um parente que foi à cidade, que chegam, quase sempre, por meio do programa “Correspondente Difusora”.

Em relação à audiência televisiva, esta é mobilizada em torno de diversos produtos midiáticos, mas a maioria dos entrevistados prefere assistir aos noticiários e às novelas, confirmando a busca por informações e entretenimento como a principal referência na relação com esse dispositivo, entretanto, diferentes temporalidades marcam a relação dos extrativistas com o midiático. Na relação com a televisão, embora predomine a audiência em família, no espaço privado da casa, muitas vezes, esse momento “particular” integra não só familiares, mas também moradores vizinhos que, por não disporem dessa mídia em casa, encontram na audiência compartilhada uma forma de contato com o midiático, fazendo dessa prática uma possibilidade de interação na comunidade e de compartilhamento de outras realidades simbólicas.

Se por um lado a audiência compartilhada se converte em estratégia de interação com familiares e vizinhos, alimentando as relações sociais e ampliando os laços de proximidade e constituindo redes cotidianas de comunicação, por outro, constitui uma forma de acesso a um mundo mais distante, uma via pela qual é possível o conhecimento de outras realidades representadas por conteúdos televisivos. Em outras palavras, essa forma de assistir televisão, representa uma maneira prática de superar a carência tecnológica e uma forma criativa de inserção em contextos comunicacionais mais globais e de integração a circuitos interacionais mediados pela tecnologia e midiáticos. A audiência televisiva não representa apenas um momento de interação dos usuários com o dispositivo midiático, mas também uma maneira de estar junto, de colocar-se em contato com outras pessoas, interagir sobre diferentes assuntos e sentir-se parte de um sistema social. Por esta via de interpretação, a relação com a televisão constitui uma estratégia mobilizadora que integra e socializa os indivíduos, derivada de usos e apropriações que se desdobram em processos interacionais.

Desta maneira, na interação com os meios de comunicação – seja com o rádio ou com a televisão – os usos e apropriações não começam nem terminam no contato com a tecnologia, mas continuam por outras vias e, neste caso, por meio de narrativas que reconstróem e ressignificam mensagens, em um processo de circulação da informação midiática análogo ao que Braga chama de “fluxo adiante” (BRAGA, 2006), ao tratar dos sistemas de resposta social desenvolvidos em plataformas digitais e característicos da sociedade em midiática.

informações midiáticas acessadas na interação com os meios de comunicação (rádio e televisão), no contexto familiar, se desdobram e repercutem em outros ambientes da comunidade, ressignificadas de acordo com os referenciais de cada pessoa. Essa circulação midiática ocorre em reuniões comunitárias, nos encontros religiosos, nos trabalhos em mutirão, nas visitas à casa do vizinho, em eventos de socialização e atividades de lazer ou em encontros casuais que entrecruzam a vivência dos extrativistas nos ramais e *varadouros* entre as colocações. São esses discursos, construídos em um processo contínuo de ressignificação do midiático e constituídos em circuitos comunicacionais e interacionais, que movimentam as relações sociais nas comunidades.

Além da forte interação com o rádio e a televisão, os extrativistas também utilizam o telefone celular, embora poucos entrevistados disponham desta mídia em condições plenas de funcionamento, no espaço da casa. Identificou-se uma regularidade de processos comunicacionais e interacionais ativados na relação com essa tecnologia, apesar das limitações percebidas no seu acesso e uso. Entre os entrevistados que usam o telefone celular em casa (celular rural), a relação com esse dispositivo é preponderantemente voltada para a comunicação com familiares e amigos que moram na cidade, especialmente para obter informações que ajudem a resolver problemas do dia a dia na propriedade, evitando deslocamentos.

Outra particularidade observada entre as famílias que dispõem do telefone celular em casa é o compartilhamento dessa tecnologia com a vizinhança. Entre algumas famílias o uso deste dispositivo se faz de modo coletivo, compartilhado por outras pessoas da comunidade. Essa socialização do dispositivo aponta para uma forma específica de interação com a tecnologia, que se desenvolve ancorada em apropriações simbólicas que envolvem contexto familiar e sistema de vizinhança, marcada por características tipicamente locais, articuladas a sistemas mais globais centrados no meio urbano. Por meio dessa apropriação coletiva do telefone os extrativistas se inserem em um processo de dupla interação comunicacional, embora o processo se efetive de forma moderada, gerando ao mesmo tempo interação com o contexto interno da comunidade, na medida em que falar ao telefone implica deslocamento e aproximação física com a vizinhança, e com o ambiente externo, proporcionando contato com o meio urbano.

## **Conclusões**

O que se observa nas comunidades extrativistas estudadas é que, mesmo vivendo no interior da floresta, as pessoas estão em “conexão” com o mundo globalizado, seja pelas ondas do rádio, pelas antenas parabólicas que dão acesso à televisão ou via sinais de telefonia celular,

portanto, são sujeitos implicados no processo de mediação, ainda que convivam com um reduzido espectro midiático.

Os meios de comunicação estão inseridos nos processos comunicacionais e interacionais desses indivíduos, entretanto, a relação com as tecnologias se desenvolve fortemente marcada pela carência tecnológica, em condições específicas do contexto rural marcadas por grandes distâncias geográficas que dificultam o seu acesso e uso e atribui particularidades aos usos e apropriações de dispositivos midiáticos. Há que se considerar, porém, a criatividade dos extrativistas para driblar as deficiências tecnológicas, implícita nos fazeres cotidianos destes indivíduos.

Se por um lado os extrativistas convivem com dificuldades que restringem a oferta tecnológica, por outro, esse quadro situacional restritivo inspira o desenvolvimento de estratégias e táticas de acesso e uso que lhes possibilitam constituírem-se como consumidores da oferta midiática e sujeitos ativos do processo de mediação, ainda que este processo se apresente matizado em virtude dos modos como se relacionam com os dispositivos midiáticos e se apropriam das informações. Tais estratégias criam condições para inserção em processos mais globais que se refletem na organização das comunidades e no desenvolvimento social e econômico dessas localidades, na medida em que possibilitam mecanismos de atendimento a demandas dos contextos comunicacionais, econômicos e sociais.

Depreende-se, deste modo, que nas comunidades extrativistas a principal limitação no acesso às tecnologias da comunicação não dizem respeito às condições econômicas, mas à questão estrutural. Deste modo, não basta ter a posse material da tecnologia, é necessário dispor de condições estruturais que possibilitem o seu uso e apropriação e, neste caso, o serviço de telefonia não alcança a maioria das colocações, principalmente as que estão localizadas mais no interior da floresta. Neste sentido, as mídias também podem desempenhar importante papel na mobilização dos extrativistas na busca por políticas públicas voltadas para a melhoria das condições estruturais das comunidades.

### **Referências bibliográficas**

BRAGA, José Luiz. Os estudos de interface como espaço de construção do campo da comunicação. In: Encontro da Compós, 13, 2004. **Anais...** São Bernardo do campo/SP, 2004.

BRAGA, José Luiz. **Sobre a mediação como processo interacional de referência.** Compós. UNESP: Bauru, 2006.

- BRAGA, José Luiz. Pequeno roteiro de um campo não traçado. In: FERREIRA, Jairo (Org.). **Cenários, teorias e epistemologias da comunicação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.
- BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, p. 73-88, jul./dez. 2008.
- BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 25, n 58, p. 62-77, 2011.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- DIAGNÓSTICO SOCIECONÔMICO e Cadastro da Reserva Extrativista (Resex) Chico Mendes. **Plano Resex Sustentável**. Governo do Acre. Rio Branco. Dezembro de 2010.
- FAUSTO NETO, Antonio. A deflagração do sentido. Estratégias de produção e de captura da recepção. In: SOUSA, Mauro Wilton de. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. (org.). São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 189 – 231.
- FAUSTO NETO, Antonio. **Mediatização: prática social, prática de sentido**. Paper, Bogotá: Seminário Mediatização, 2006.
- FERREIRA, Jairo. **Mídia e conhecimento: objetos em torno do conceito de dispositivo**. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 25, 2002, Salvador. **Anais...** Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação: NP Comunicação Educativa do Intercom, Salvador/BA, 2002.
- FERREIRA, Jairo. O caso como referência do método: possibilidade de integração dialética do silogismo para pensar a pesquisa empírica em comunicação. In: **Texto**. Porto Alegre, UFRGS, n.27, p. 161-172, dez. 2012.
- GOMES, Pedro Gilberto. **O processo de mediatização da sociedade**. Paper/Unisinos. São Leopoldo, RS. 2005. Disponível em: <http://rolandoperez.files.wordpress.com/2009/02/mediatizacao-da-sociedade-pedro-gilberto-gomez.pdf>. Acesso: 25 fev. 2014.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**, 6ª ed., Rio de Janeiro, UFRJ, 2009.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis (org.). **Sociedade Mediatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes sociais: trajetórias e fronteiras**. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima (Org.). *Redes, sociedades e territórios*. 2. ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007. p. 29-50.
- PROULX, Serge. La puissance d’agir d’une culture de la contribution face à l’emprise d’un capitalisme informationnel: premières réflexions. In: CONSTANTO POULOU, Christiana. **Barbaries contemporaines**. L’Harmattan: Paris, 2012, p. 1-9.
- VERÓN, Eliseo. **Esquema para el análisis de la mediatización**. Diálogos de la Comunicación. Lima: Felafacs, out. 1997. p. 9-17.